

Autor: Franklin MAXADO

DEU ZEBRA NO JOGO DO BICHO E XADREZ



Leiam os outros folhetos da série:

"O jumento que Virou Gente"

"O Santo Jumento no Reino dos Céus"

"O Milagre de São Jumento no Pará"

DEU ZEBRA NO JOGO
DO BICHO E XADREZ

Autor: Franklin MAXADO

Muitos dizem que a sorte
É coisa que não existe
Vence aquele que tem fê
E no trabalho persiste
Mas o certo é que o povo
Jogar na loteca insiste

Pois o pobre sabe que
Sô com trabalho não terá
Aqueles belos produtos
Que se deve ter no lar
É que a televisão mostra
Assim, dana-se a jogar

Joga de manhã e tarde
No Bicho e na Loteria
Federal e Esportiva
Na Porrinha é todo dia
Sinuca, Bilhar, Baralho
É numa Dama vadia

Joga ainda Dominô
Briga de Galo e Canário
Em Corridas de Cavalos
E sô fica como otário
Pois além de perder tudo
Empenha até o salário

E destes todos que jogam
 Estã o Zê Severino
 Que veio da Paraíba
 Do alto sertão nordestino
 Para o Rio de Janeiro
 Sonho seu desde menino

Pois lã na seca caatinga
 Quando via televisão
 Com propaganda e novelas
 De mulher, praia, carrão
 Não se conformava ser
 Solitário no sertão

E se mandou por um ônibus
 Junto a outro companheiro
 Antes de fazer 18
 Rumo ao Rio de Janeiro
 Cidade das maravilhas
 Onde foi ser biscateiro

Não achou emprego certo
 Mas ganhava seus trocados
 Em serviços de agências
 Que arranjava criados
 Para limpar residências
 De ricos abastados

E dentro daquele luxo
 Comia sobras na cozinha
 Sentia assim a distância
 Da fortuna tão vizinha
 E ele tão miserável
 Mas a esperança mantinha

Danou-se então a jogar
 Para ter o que queria
 Mulher boa e bacanagem
 O prazer e a orgia
 Frequentar buates chiques
 Como o patrão fazia

O dinheiro que ganhava
 Era para a Loteria
 Porque ele não namorava
 Quando muito, ao forrô ia
 Ao futebol e ao cinema
 Sua ilusão vivia

Deixava atê de comer
 Atrasava o pagamento
 Do aluguel do quartinho
 Pra fazer divertimento
 De jogar em todo jôgo
 E ser rico num momento

Comprou um livro de sonhos
 Para ver o que sonhava
 A fim de interpretar
 Qual era o bicho que dava
 E sonhava em todo sono
 No outro dia jogava

E quase nunca ganhava
 E ia todo o dinheiro
 Atê que um dia foi
 Com o traje domingueiro
 À feira de São Cristóvão
 Como era costumeiro

Tomou lã umas cachaças
 Com churrasco e requeijão
 Comprou um folheto novo
 Falando de frei Damião
 Mostrando um seu milagre
 Dum jumento santarrão

E leu todo o cordel
 Puxando um fogo danado
 Se apagou logo cedo
 Dormindo um sono ferrado
 E sonhou com o jumento
 Do folheto retratado

Segunda-feira acordou
 Mais cedo e bêm disposto
 Carregou todo o que tinha
 Com fê e com muito gosto
 Nas dezenas 11 e 12
 Ao passar no primeiro posto

E todo amigo que via
 Tomava mais emprestado
 E não foi nem na agência
 Trabalhar de alugado
 Pois nesse dia jogava
 Se pudesse até fiado

E o jumento é o burro
 Para quem joga no Bicho
 Foi comentado se sonho
 E formando um buxixo
 Os amigos também jogavam
 Vendo-o bastante ficho (fixo)

Cercou o burro com grupo
 Dezena, centena e milhar
 Do prêmio primeiro ao quinto
 Com as pules a dobrar
 Cada vez se convencia
 Que acabara seu azar

Mas acontece que não
 Foi sô nosso amigo Zê
 Que tinha sonhado burro
 E que nele teve fê
 Parecia até praga
 De ferrugem em café

Os amigos também foram
 Jogar naquele palpíte
 Com pouco a coisa espalhou-se
 E o burro era um convite
 Até cambistas jogavam
 Deu uma febre de burrite

Todo mundo via burro
 Até nas placas dos carros
 Descarregavam no bicho
 Não pensavam ser esparros
 Só pensavam em enricar
 Por esses modos bizarros

Também dava no jornal
 A batida dum caminhão
 Na avenida Brasil
 Com um torto carroção
 Matando o burro e dono
 Fazendo aã a sugestão

A mulata dona Helena
 Que vivia amasiada
 Com o português da venda
 Tomou uma tamancada
 Porque foi pedir dinheiro
 Para fazer sua parada

E sô podia dar burro
 Pois sonhou com o seu homem
 E por causa do palpíte
 Quase que lã o pau come
 O português xingou tanto
 E proferiu feio nome

O português acalmado
 Também jogou escondido
 Pois no dia anterior
 Seu Vasco tinha perdido
 Desperdiçou tantos golos
 Que o deixou enfurecido

No Catumbi, dona Mécia
 Uma velha fofoqueira
 No dia em que não sonha
 Faz teste na cafeteira
 Risca um fósforo e joga
 Pra ver sua besteira

Nesse dia ela viu
 Um burrico escritozinho
 Na borra do seu café
 E já fez seu borbórinho
 Chamando suas vizinhas
 Pra fazerem um joguinho

Atê lã em Bonsucesso
 Que dizem não ir pra frente
 Pois tem caveira de burro
 Enterrada no dormente
 Seu povo carregou forte
 Jogando desbragadamente

Também a coroa Estela
 Não tinha arranjado nada
 Naquele fim de semana
 Então deu sua sonhada
 Com um jegue imoral
 E acordou inspirada

Comentava com a Dora
 Amiga balzaqueana
 Que tinha ido à missa
 Com a roupa mais bacana
 Parecia mula de padre
 Dessas que não nos engana

E no morro da Mangueira
 Na subida da favela
 Nos botequins da esquina
 E atê pela janela
 Todos jogavam no burro
 Rezando acendendo vela

Fazendo suas promessas
 Pra dar aquela animal
 Uns até que prometiam
 Saírem no Carnaval
 Fantasiados de burro
 Comendo o capinzal

Outros faziam macumba
 Dando cachaça pra Exu
 Pois seu dia é na segunda
 E pegavam um cururu
 Costuravam sua boca
 E a parte do mucumbu

Todo mundo ficou besta
 Vendo burro em todo canto
 Fazendo suas burradas
 Nunca ali se jogou tanto
 Bateu rózorde de renda
 E causou geral espanto

Era pra quebrar a banca
 Se desse a enconchembrança
 Pois jogaram para burro
 Torrando sua poupança
 Sacando das cadernetas
 Porque tinham esperança

Antes de chegar a hora
 De dar o tal resultado
 Era um total suspense
 Com o povo emburrado
 Para conferir seu jogo
 Com o que já tinha dado

Quando chegou esta hora
 Era um silêncio de escuta
 Deu o burro na cabeça
 Foi uma alegria batuta
 Mas tomaram foi um coice
 Com a desculpa fajuta

Pois o povo não tem vez
 Nasceu pra burro de carga
 Tomar taca no seu lombo
 Até seu prazer se amarga
 Porque então o resultado
 Na prática, se embarga

E foi o que os banqueiros
 Fizeram pra não pagar
 E ficar com os bilhões
 E ao povo enganar
 Disseram que a roleta
 Programaram pra parar

E que estava viciada
 Que alguém interessado
 Tinha feito o vazamento
 Informado o resultado
 Pro povo poder jogar
 Num número programado

Deram com os burros n'água
 Todo o povo que jogou
 A maioria bem triste
 Por sorteio perguntou
 Mas ante as ameaças
 Logo se acomodou

Mas muitos inconformados
 Estavam a protestar
 E ficou por isso mesmo
 Porque quem mandou jogar
 Numa coisa ilegal
 Que é jogo de azar

A Polícia assim não toma
 Conhecimento do ocorrido
 Porque todos sabem bem
 Que o Bicho é proibido
 E assim cruza os braços
 Não bota nenhum sentido

Bota sua mão no bolso
 Nada sabe e nada vê
 E aí daquele coitado
 Que vá ali requerer
 Vai logo pro xilindrô
 Sem poder se defender

Justo foi o que se deu
 Com o Zê paraibano
 Não se conformou e foi
 Dar queixa que sofreu dano
 E lá na Delegacia
 Logo entrou pelo cano

O escrivão lhe gozando
 Diz que tirou grande sorte
 Mandou logo recolhê-lo
 Na cela do xadrez forte
 E ele que nunca jogou isso
 Foi ser peão numa corte

Porém a Polícia teve
 Do caso investigar
 Pois os jornais informaram
 Exigindo estourar
 O aparelho e prender
 Os bicheiros do lugar

E prendeu muitos peixinhos
 Pois os grandes escaparam
 Como sempre acontece
 Porque eles se livraram
 São experientes, vivos
 E pra isso, já treinaram

Somente o nosso Zê
 Foi quem pagou pelo pato
 Aliás, pelo seu burro
 Pois foi fazer desacato
 Se queixar pelo delito
 E testemunhar o fato

Severino agora vê
 O sol nascer no quadrado
 Entre três barras de ferro
 Mas já está acostumado
 E não vai se emendar
 Pois sonha mesmo acordado

Sô não joga mais no burro
 Pra não lembrar da cadeia
 Pois o seu burro é zebra
 E sô lhe deixou na peia
 Sô vai jogar no cavalo
 Querendo seu pê de meia

E lá fora todo mundo
 Continua a jogar
 Sabendo que vai perder
 Principalmente se ganhar
 Todos de uma sô vez
 Porque não vão lhe pagar

Assim, o jogo é azar
E burro é quem nele joga
Deixa de comer e gasta
E no vício se afoga
Dá zebra quando se ganha
Mas o Bicho tá em voga

M- aí passou Zé Severino
A- costumado a jogar
X- adrez, ele conheceu
A- dormecendo a sonhar
D- o Bicho já viu a zebra
O burro foi seu azar.

São Paulo, junho de 1980.

Procurem nas boas livrarias
o livro "O Que é Literatura
de Cordel?", apresentado pe-
lo jornal "Pasquim" e edita-
do pela CODECRI e fiquem sa-
bendo o que é literatura de
Cordel.

2869

TABELA DO JOGO DO BICHO

1	Avestruz	01	02	03	04
2	Águia	05	06	07	08
3	Burro	09	10	11	12
4	Borboleta	13	14	15	16
5	Cachorro	17	18	19	20
6	Cabra	21	22	23	24
7	Carneiro	25	26	27	28
8	Camelo	29	30	31	32
9	Cobra	33	34	35	36
10	Coelho	37	38	39	40
11	Cavalo	41	42	43	44
12	Elefante	45	46	47	48
13	Galo	49	50	51	52
14	Gato	53	54	55	56
15	Jacaré	57	58	59	60
16	Leão	61	62	63	64
17	Macaco	65	66	67	68
18	Porco	69	70	71	72
19	Pavão	73	74	75	76
20	Peru	77	78	79	80
21	Touro	81	82	83	84
22	Tigre	85	86	87	88
23	Urso	89	90	91	92
24	Veado	93	94	95	96
25	Vaca	97	98	99	00

Peçam folhetos de Cordel deste e de outros autores na Folheteria

Maxado Nordestino

Rua Augusta, 1524 - loja 18
Tel. 289-8725 São Paulo - SP.

CEP 01304